

PAISAGEM CULTURAL DE NOVO TREVISO

Dionísio Angelo Busato

Geógrafo — Prof. da P.U.C.R.G.S.

O Rio Grande do Sul, sem favor nenhum, é um Estado privilegiado pela natureza. Quem como êle possui as infindas campinas que cobrem intermináveis coxilhas sempre recortadas por belas quebradas? Os seus rios sulcam vales profundos que em nada são inferiores, quer em beleza quer em imponências, aos "cañons" de outras terras. Os rios, as lagoas, as terras, as chuvas, as matas, as campinas, enfim o clima, tudo se conjuga para formar um todo harmonioso e belo.

Os elementos étnicos aqui se ajuntaram para amalgamar um povo operoso e empreendedor, grande em seus ideais, modelo em seus costumes. O riograndense tornou-se símbolo dentro do território nacional. É o baluarte e reduto da sã doutrina e bons costumes.

Infelizmente, a gleba em que vivemos, a paisagem cultural, a sociologia de nossa gente ainda não foram estudadas o quanto se deveria. Quão poucos são os trabalhos que temos sobre nossa geografia !

O pequeno trabalho que apresento não tem a pretensão de ser algo que solucione alguma lacuna. É uma contribuição ínfima, mas sempre produto de boa vontade e de observações pessoais.

A ESCOLHA DO TEMA

Pode parecer estranho que tivesse preferido um lugarejo nunca dantes falado, sem influência em nossa história, a tantas belas paisagens disseminadas pelo Rio Grande do Sul. O fim que me proponho é apresentar esta parte do torrão riograndense, tão desconhecido. É por ser desconhecido que eu quero dizer algo. Outro argumento ponderável é ser esta região um lugar de contrastes geográficos. A várzea confina aí com o planalto; a mata é vizinha dos altiplanos campestres e existem três etnias que contribuem não pouco para a modificação da paisagem.

NOVO TREVISO

Está situado no centro geográfico do Rio Grande do Sul. Fôra local de refúgio dos indígenas contra as investidas dos portugueses e mais tarde dos brasileiros; também lugar de passagem de revolucionários farroupilhas. A região era conhecida por Geringonça. Ainda hoje é

êsse o nome que os vizinhos lhe dão. Durante a última guerra o nome soava mal. Impuseram-lhe o epíteto de Vasconcellos Filho. Por ninguém foi usado. Para todos os efeitos a comunidade atende por Novo Treviso.

INTRODUÇÃO

A paisagem cultural é sempre o resultado da luta entre os elementos físico, biológico e humano. Aos elementos físico e biológico dá-se também o nome de meio natural. Por meio compreende-se a constituição do solo, o clima, os ventos, as chuvas a cobertura vegetal, enfim, todos os fatores que a natureza traz consigo. Por elemento humano compreende-se com suas atividades livres agindo sobre o meio natural e dele recebendo influências. As conseqüências desta ação são: a destruição da cobertura vegetal, a erosão direta ou indireta, as estradas, as culturas artificiais, as casas e outras mais. Em muitas regiões o homem pouco age, em outras ele é fator importante. A influência maior ou menor exercida pelo homem sobre a natureza depende muito da necessidade de subsistência, da capacidade de trabalho e principalmente do seu grau de cultura. O elemento humano de cultura pastoril em uma região de cobertura herbácea pouco modificará a paisagem, bem diferente será a ação do elemento de cultura superior.

Na vista de conjunto, ou melhor, na unidade que chamamos paisagem, deve o geógrafo ser capaz de distinguir o mais detalhadamente possível as funções com que diversos fatores contribuíram para a formação do todo. A geografia não separa o homem da paisagem, em que vive. "Tôda a geografia está impregnada do homem, habitante principal da superfície terrestre, e de tal forma que, geografia humana torna-se pleonasma." (Lannou)

O homem, fazendo parte da paisagem cultural, como indivíduo, sofre influência do meio, como pessoa, com vontade livre e capacidade de aprender algo e em seguida aplicar os conhecimentos, reage às influências do meio. Uma migração é algo como um desajustamento na unidade do quadro geográfico. Aí está o meio com todos os seus inúmeros elementos a agir contra um intruso. O homem, como indivíduo, vem trabalhando por outra paisagem, já se ajustara a muitos elementos e conseguira vencer em muitas lutas, no novo meio, está completamente desambientado. Mui diversas são as atitudes tomadas pelos advenas diante do meio; tôdas estão em função de sua própria ambientação anterior. Não podemos interpretar com critérios absolutos, pois, sempre devemos ter em conta a liberdade de agir e a capacidade de invenção do elemento humano. O homem estranho traz consigo técnicas diferentes que irão influir sobre a paisagem e transformará seu conjunto de um modo sensível.

Um fato muito importante nos foi notado pelo emérito professor, Dr. Amadeu Oliveira de Freitas, é a reação do homem perante os contrastes geográficos. O homem reage com mais intensidade e o resultado aparece sob o ponto de vista de progresso ou maior quantidade de meios

adaptados às necessidades humanas em frente ao ambiente natural. O frio obriga a fazer casas confortáveis, as encostas, os rios impõem estradas com inúmeras obras de arte; os grandes centros urbanos estão geralmente localizados em paisagem de contrastes.

FONTES

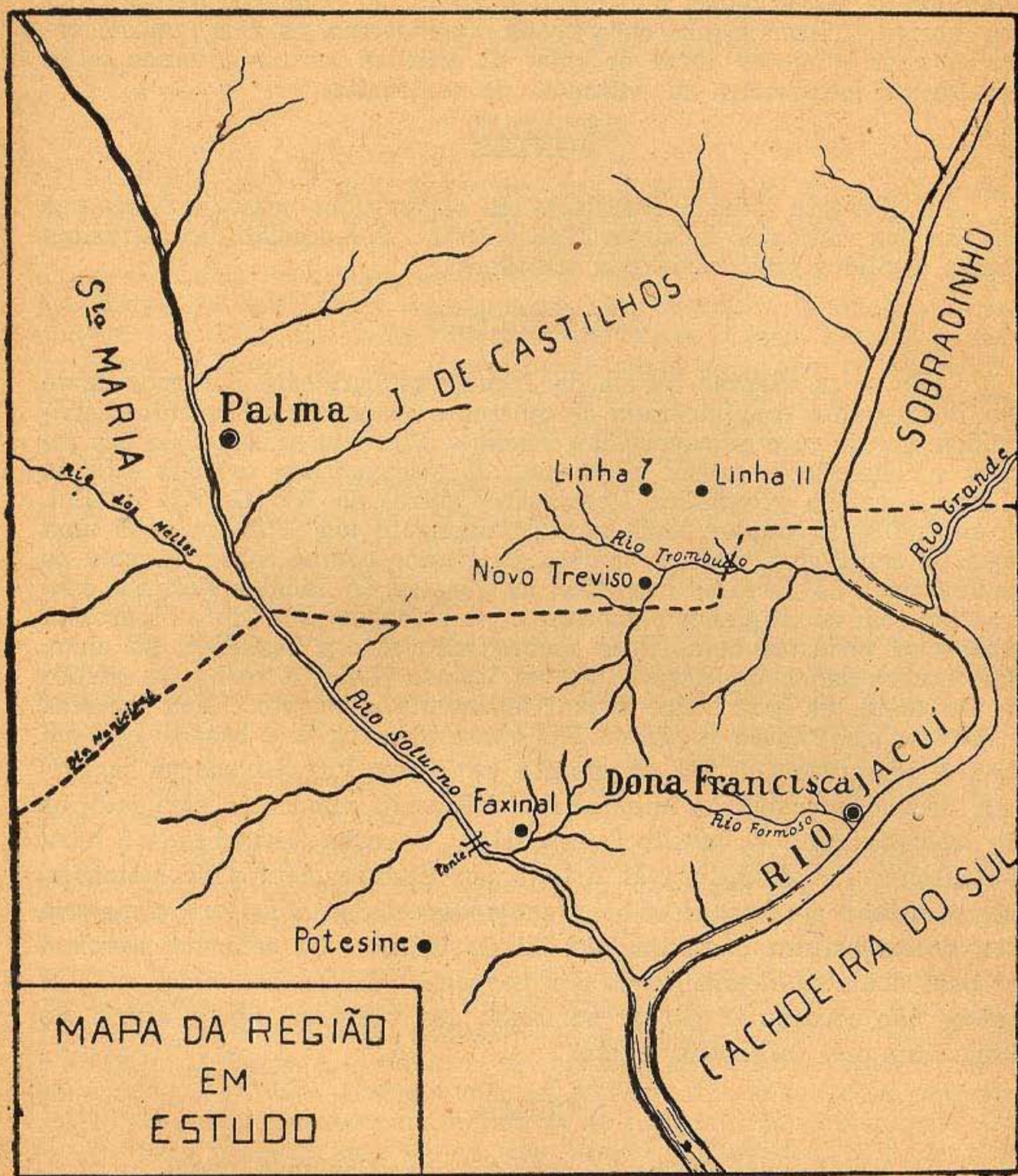
O presente trabalho baseia-se em observações pessoais feitas por ocasião das visitas ao local em 1948 e 1951. Por ocasião destas visitas foram argüidos muitos antigos moradores.

LOCALIZAÇÃO

Entre as várzeas férteis do Jacuí e seu afluente Soturno, existe um interessante conglomerado de morros e vales irregularmente distribuídos, que julgo proveniente das fendas e diferente constituição das rochas e conseqüente erosão posterior. A paisagem em estudos está na chamada região geográfica Depressão Central do Rio Grande do Sul. A superfície a estudar teria aproximadamente uns 170 km². É uma zona de contrastes. Ali os confins do grande pampa esbarram com os contrafortes do derrame basáltico, as várzeas do Jacuí e Soturno contrastam com os altiplanos campestres. A paisagem é produto da erosão. Aparecem nitidamente as duas rochas matrizes: a basáltica, no cimo, dos morros dando um aspecto de um imenso tijolo; a rocha de arenito de Botucatu, na base sôbre a qual se assenta o basalto. Nas encostas e vales os sedimentos de ambos. Em quase tôda região o basalto está em franca desagregação. Há no entanto, em certos lugares, rochas basálticas, mesmo expostas às intempéries, formando compactos sem indícios de decomposição. O basalto é melafírico. A rocha desagregada é terra fertilíssima. A desagregação é feita por descascamentos de matações, não se reduz a pó, permanece em granulações miúdas, aliás como a maioria das decomposições basálticas do sul do Brasil. Os sedimentos rolam encosta abaixo e depositam-se nas pequenas várzeas dos córregos. Os seixos não conseguem chegar ao fundo dos vales, em época atual, são impedidos pela cobertura vegetal.

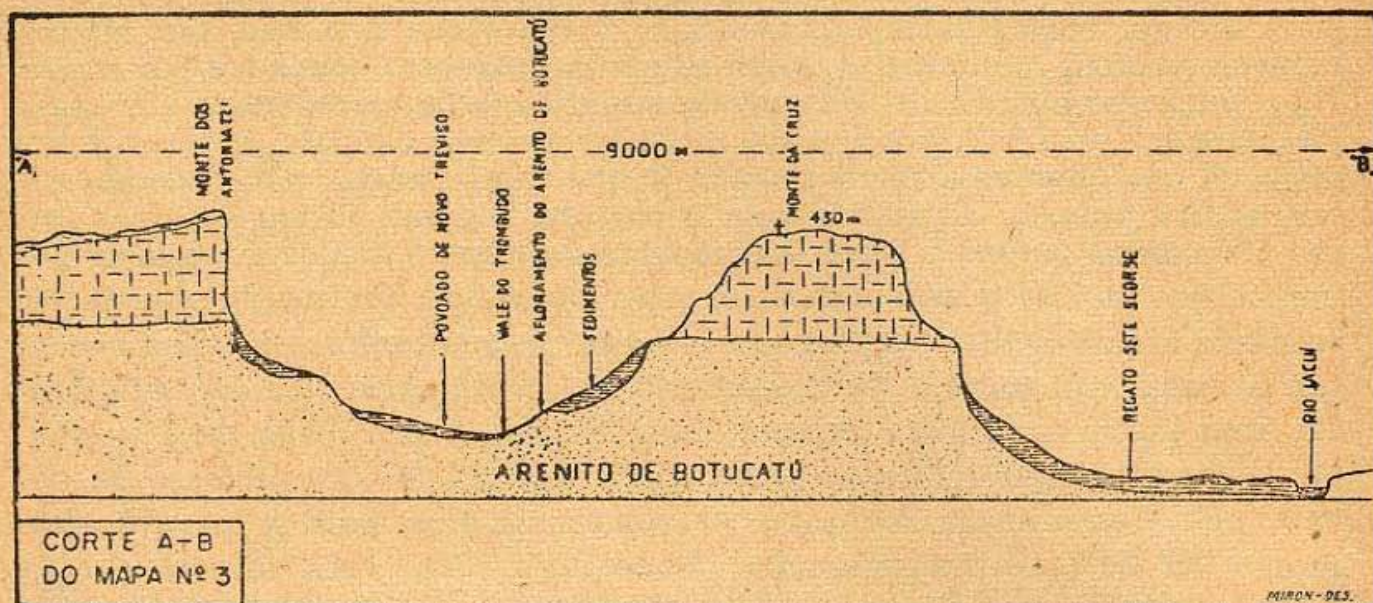
CLIMA

A temperatura do local é extrema nos vales, mas amena na montanha. Ainda não foi feito um meticoloso estudo da temperatura e pluviometria. O mamoneiro e a bananeira não podem vingar no vale e mesmo na montanha. Os vales são excessivamente quentes no verão e as geadas castigam com grande inclemência no inverno. As geadas castigam mais os vales do que os altos dos montes. O tempo de insolação é reduzido nas várzeas e nas encostas, por causa das montanhas. Os ventos não sopram por serem vales estrangulados; tem-se como conseqüência um clima diferente das vizinhanças.



SOLO

O solo da região é heterogêneo; no cimo é de constituição basáltica, parece ter sido formado por derrames sucessivos. Os testemunhos destes derrames são as camadas superpostas; umas mais aptas à resistência contra as intempéries, apresentam afloramentos horizontais nos contrafortes dos derrames desagregados. O basalto é melafírico, sua desagregação forma terras pretas.



A parte da planície apresenta-se de um modo bem diverso. É fértil, com camada de terra arável muito boa, quase tôda ela está tomada pelos pastos artificiais, hortas, pomares e capões. Nela também se encontram as casas de moradia. A criação de animais domésticos impede o aproveitamento que deveria ter.

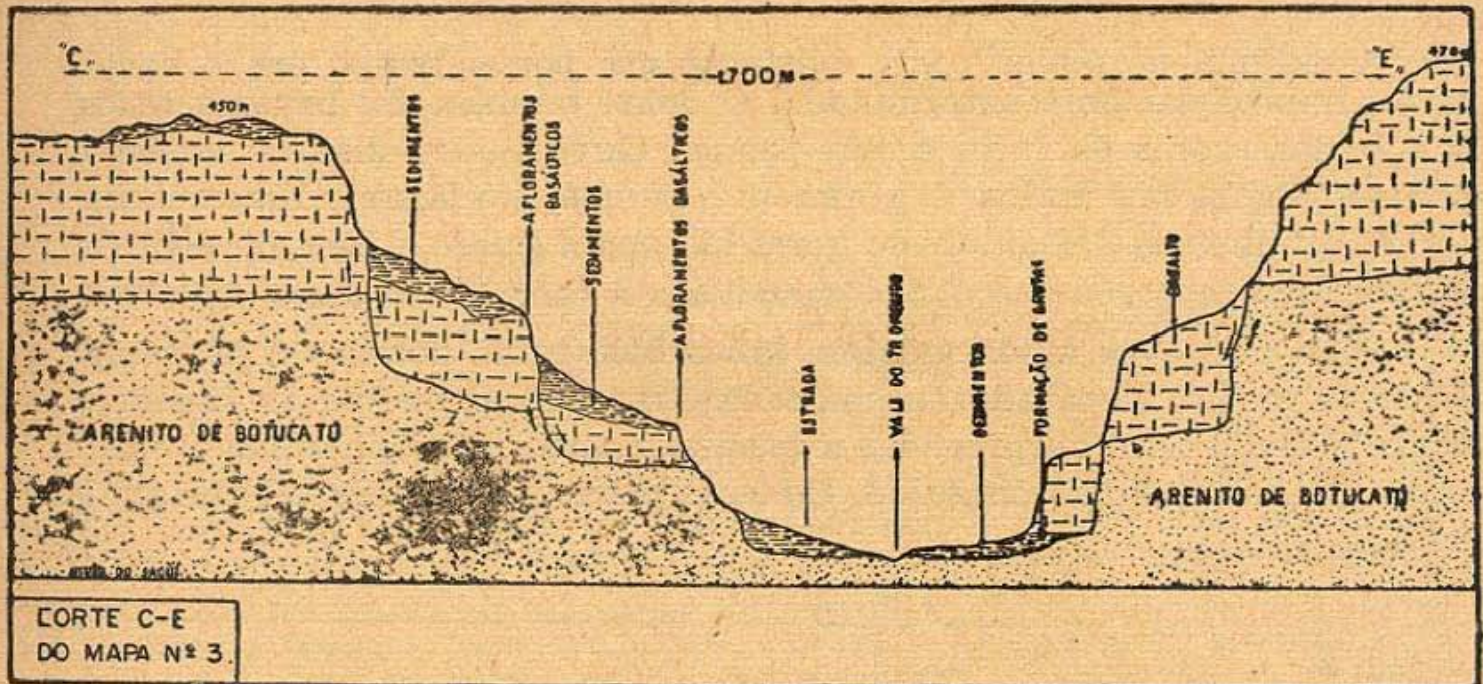
HIDROGRAFIA

As fontes são numerosas. Em cada lote havia uma ou mais. Localizam-se do início da encosta. É difícil encontrar-se fontes no alto da montanha. Os riachos correm sobre terreno sedimentar entre seixos basálticos, mudando seguidamente de leito. Não têm declive. As águas das encostas infiltram-se e escorrem sobre a rocha de arenito e vêm sair em abundância pouco antes da planície. Não há na região estudada ocorrências de quedas de água, a não ser em épocas de grandes enxurradas. As chuvas são regulares, a média das chuvas caídas deve estar perto de 1500 mm. por ano. Os riachos tendem a diminuir conforme verificação constatada pelos habitantes do local. As águas do Trombudo há uns 50 anos moviam engenhocas com regularidade, agora apresentam dificuldade. "O moinho apanha seguido" (A.B.) As terras da planície são facilmente removíveis, grande é a dificuldade de se manter as estradas, uma chuva torrencial as tornam impraticáveis.

COBERTURA VEGETAL

Quando foi iniciada a colonização tôda a zona era coberta de matas. Um grande erro foi cometido em todo o território riograndense e quiçá alhures também. Os lotes dados aos imigrantes italianos eram por demais diminutos para poderem sustentar uma família sempre numerosa. Como consequência imediata fez-se a derruba de tôda a mata para, no

lugar, fazer a plantação. Mesmo se quisesse, o imigrante não poderia conservar parte da bela e exuberante vegetação. Felizmente, diríamos nós, houve colonos com menor capacidade de trabalho, quer por doenças quer por falta de iniciativa, suas terras não foram totalmente cultivadas e salvou-se parte da mata virgem. Hodiernamente a repartição das terras é diversa; as propriedades são maiores e o perigo da destruição completa está reduzido. As matas são raras. Salvaram-se as que cobrem os despenhadeiros. Mas nem por isso as terras expostas ao sol. Nova floresta, de um verde escuro, variadíssima em suas espécies, cobre todo o alto dos montes e desce pelas encostas.



Abaixo desta a vegetação é dupla, arbórea e herbácea. Um verde mais claro mostra o limite da constituição do solo e da redução de sua fertilidade. No vale e várzeas a cobertura vegetal é em grande parte herbácea; os campos artificiais são de gramíneas que crescem muito parelhas formando um maravilhoso tapete verde. Os prados artificiais são cercados, são denominados "potreiros". São limpos e salpicados por árvores de belas copas, bordados por capões. Não é usado o sistema da queima dos campos. A fertilidade do terreno não deixa terra baldia, a terra é exposta somente nas estradas, nos chiqueiros e nos terreiros ao redor das casas. Este fato é providencial, pois, as terras são fixadas pela cobertura vegetal.

FLORA

As espécies vegetais são variadíssimas. A floresta é típica, chamam-na, os geógrafos, de mata atlântica, sobe os vales dos rios e forma a mata de galeria. As espécies vegetais de grandes portes estão distribuídas numa grande promiscuidade. Não há árvore que se distinga por sua maior frequência. Impossível seria enumerar tôdas as espécies, as palmeiras e os xaxins são comuns nas altitudes. Os grapia-punhas se impõem por suas copas majestosas sustentadas por troncos eretos. Os retorcidos angicos com os cedros e louros formam a maior riqueza em madeiras. As

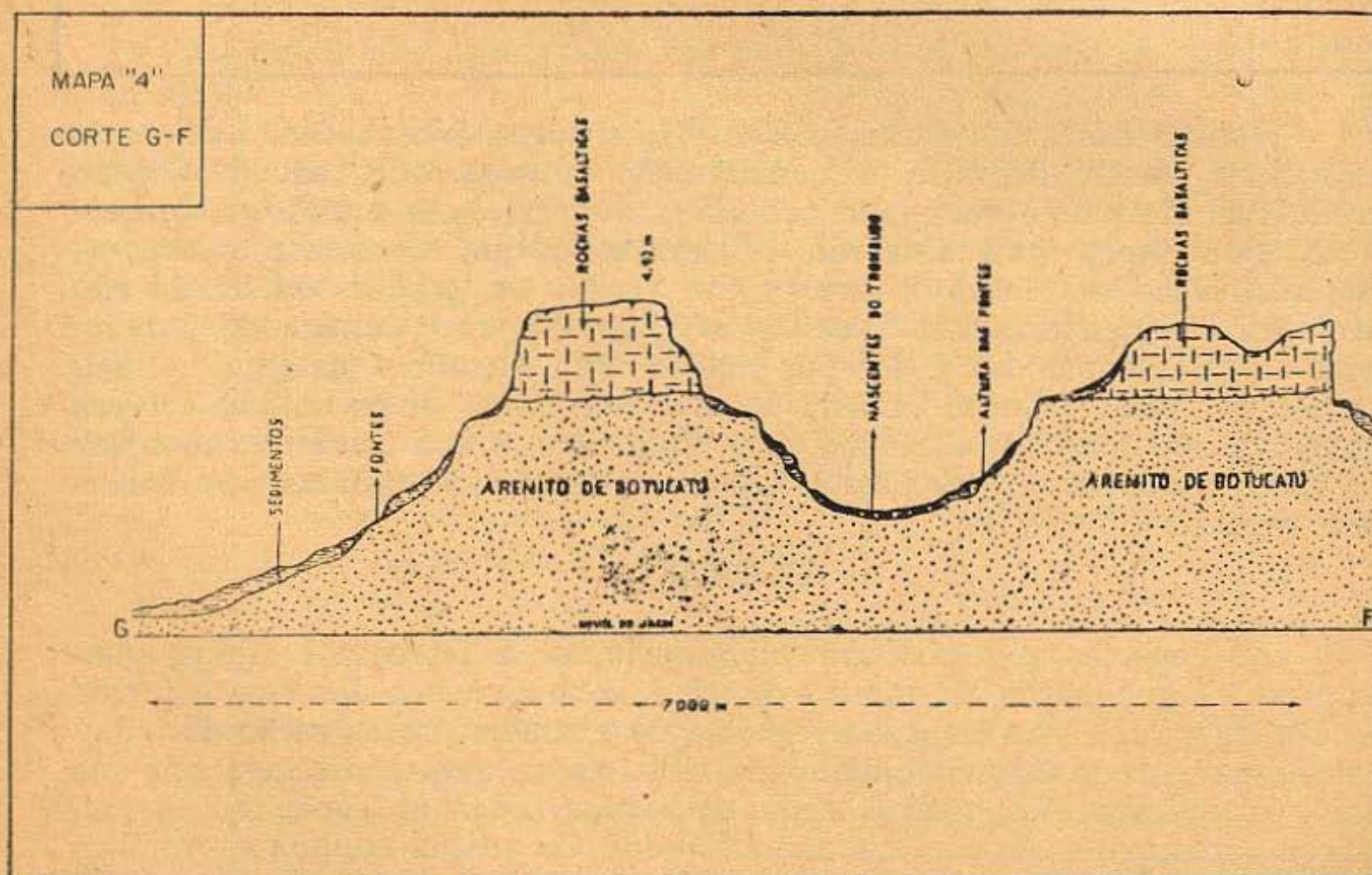
cangeranas, as capriivas e canelas são árvores ainda comuns. Muitas são as zonas de ingás. Na meia encosta para o vale as capoeiras dominam, e com o macegal, fazem a ocupação de todo o espaço disponível.

No vale aparecem espécies alienígenas: laranjeiras, álamos, chorrões, platanos, ciprestes e árvores frutíferas. Foram introduzidas também grandes quantidades de gramíneas e parreiras que dão feição diversa à paisagem primitiva. Os cipós, as orquídeas e os líquens são abundantes nos matos. As lavouras são de difícil limpeza: há guachuma, caruru, beldroega, miliã e o picão da roça em grande quantidade.

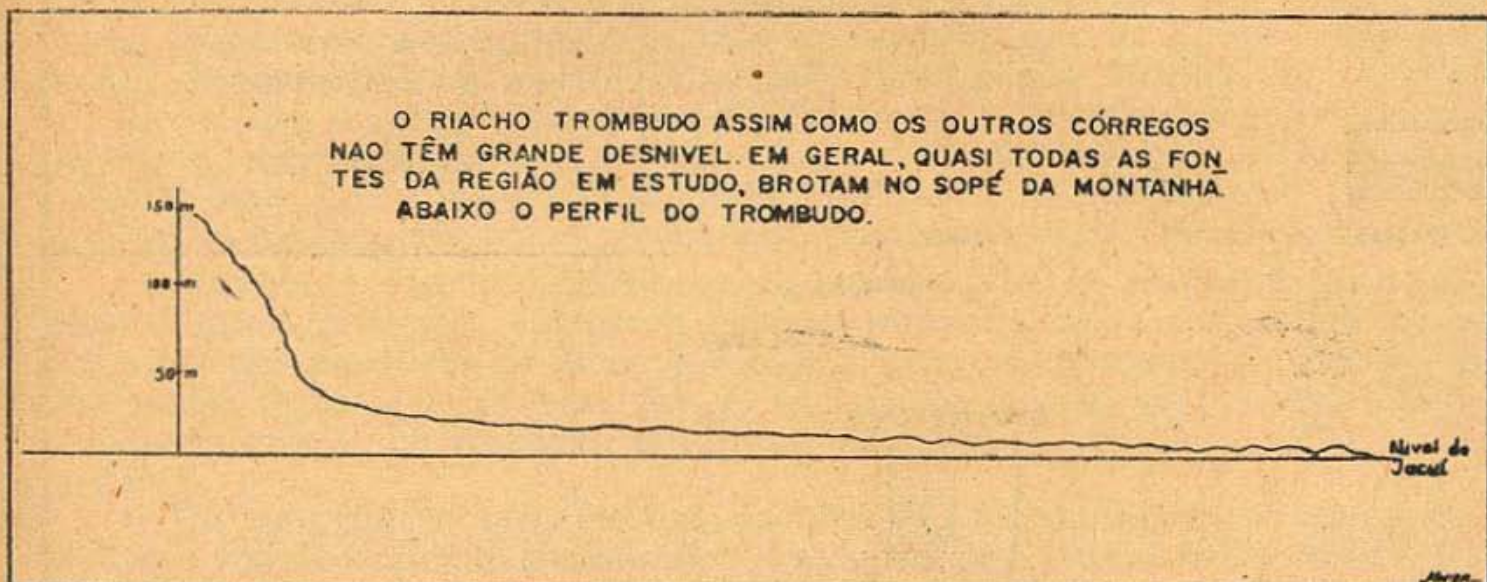
FAUNA

O animal de maior porte existente até pouco tempo era o veado que foi impiedosamente exterminado. O quati também foi banido; ainda são notados rastos de cotia e mão-pelada. Ouve-se, em dias de chuva o rugir dos bugios nos matos. O graxaim, o gambá, e o lagarto foram o terror dos galinheiros. De um modo geral não mais existe a caça de pêlo. Os animais selvagens são raros; o tamanduá e a tatu quase desapareceram.

Entre as aves ainda existem inhambus, urus, pombas e pássaros. Não mais se fazem caçadas organizadas, mas o colono vai às lavouras sempre armado para surpreender a incauta pomba ou o inhambu. O mosquito das cidades é desconhecido. Os carrapatos e morcêgos dificultam a criação.



O bovino é criado em tôdas as famílias para tração, carne e leite. O cavalari é cuidado para transporte como montaria. Cria-se muito suíno. Em cada residência há sempre umas cem ou mais galinhas e outros galináceos.

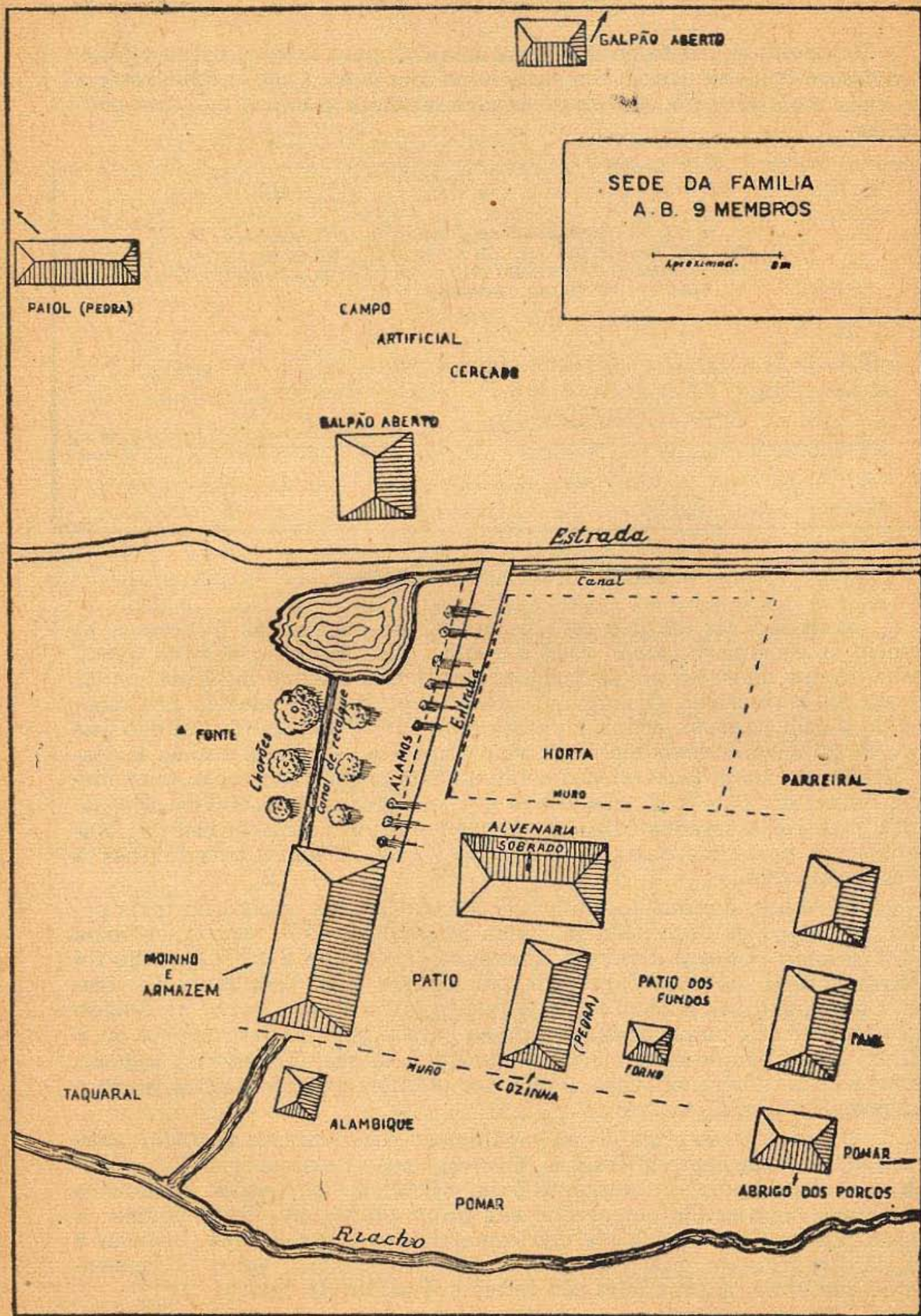


ELEMENTOS ÉTNICOS

A região em estudos está habitada por três etnias diferentes. O caboclo, que ocupava, senão toda a região, pelo menos o vale do Jacuí, desde muitos anos. Lá ele se formou; tem muito sangue indígena, muito do seu modo de viver. O imigrante alemão que foi introduzido nos meados do século passado, ocupa a várzea do Jacuí. O imigrante italiano que para lá foi encaminhado em 1878, veio completar a mescla étnica. É deste último que mais tratarei por estar melhor organizado e por mim melhor conhecido. São pois, três etnias que se chocam; três civilizações que ainda mantêm aferradamente seus conceitos. Pouco têm em comum. Num mesma paisagem natural três civilizações distintas, três línguas a se estraçalharem.

O caboclo é reduzido. Fala português. Vive em casas bem mais pobres do que os de descendência alemã ou italiana. Não tem previdência e nem iniciativa que o distinga. Abandona facilmente a terra que lhe foi entregue; vive "ao deus dará", dia por dia. Os laços familiares são fracos. Consegue o seu sustento nas pequenas lavouras em terras do Estado e em trabalho de empreitada. Inclina-se para o lado do descendente do italiano que o compreende melhor e sabe sua língua. Vivem visitando-se, permanece em visita, em casa alheia, dez ou mais dias. A visita é retribuída posteriormente.

O elemento de etnia alemã espalhou-se pelas várzeas do Jacuí; suas propriedades são bem cultivadas. Vive em casas de alvenaria com pórticos e entre jardins. O interessante é que não forma povoações. Os mortos em alguns lugares são enterrados nas propriedades dos descendentes. A língua portuguesa é privativa dos comerciantes e reservistas. Seguem a religião protestante luterana. A vida social é mantida entre os elementos de sua etnia. As reuniões são feitas nos salões de bailes.



GALPÃO ABERTO



PAIOL (PEDRA)

SEDE DA FAMILIA
A. B. 9 MEMBROS

Aproximad. 5m

CAMPO
ARTIFICIAL
CERCADO

GALPÃO ABERTO



Estrada

Canal

FONTE

Chorões

canal de recalque

ALAMOS

Entrada

HORTA

MURO

PARREIRAL

MOLINHO
E
ARMAZEM

PATIO

ALVENARIA
SOBRADO

PATIO DOS
FUNDOS

TAQUARAL

MURO

COZINHA

FORNO

PANIL

ALAMBIQUE

POMAR

POMAR

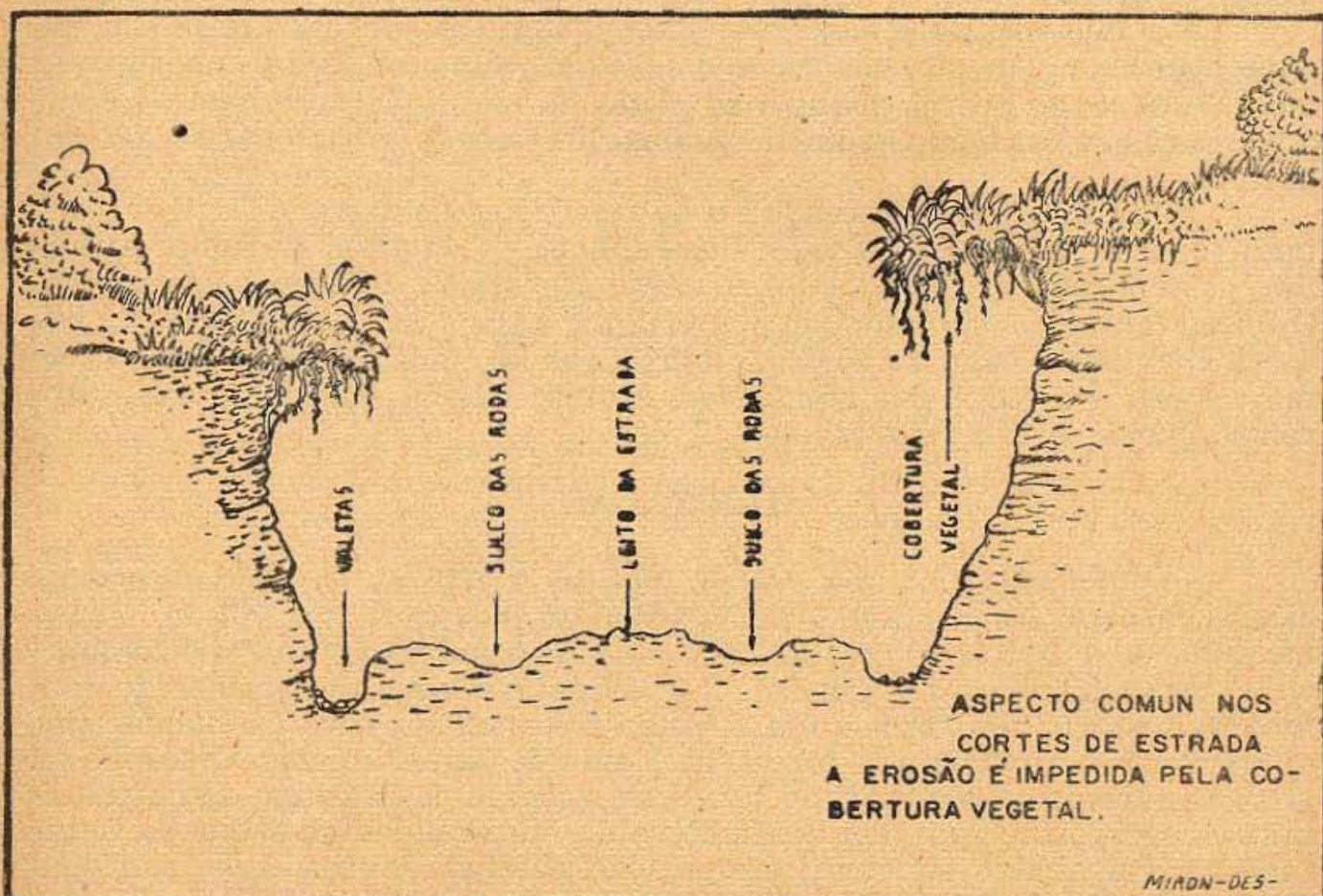
ABRIGO DOS PORCOS

Riacho

O elemento italiano foi introduzido nos fins do século passado. Provieram, os imigrantes, da região do baixo Pó, norte da Itália. As províncias de Treviso, Vicenza e Veneza mandaram em maior número. Lá na Europa eram agricultores mas não proprietários das terras. Muitos já tinham estado trabalhando nas indústrias alemãs e estradas francesas. Quando aqui chegaram se lhes apresentou um ambiente completamente diverso. Nunca teriam imaginado uma mata virgem; os processos de cultura a serem adotados ao tipo do novo terreno. Não tinham experiência, mercado consumidor e nenhum meio de transporte. Em consequência disto houve esbanjamento da rica flora. Adotaram o sistema de cultivo do cabloco; desmatar, queimar, plantar e largar para matto.

Vamos convir, não podia ser de outro modo. O imigrante que quisesse limpar, arrotear, extrair a espessa camada de raízes, enfim amarrar a terra morreria de fome e era por todos ridicularizado. Houve os que assim fizeram e fracassaram. O melhor teria sido que os orientadores da imigração os tivessem encaminhado para lugares não cobertos de matas.

Os imigrantes que vieram da Europa transformaram completamente a região. Eram em número maior que os atuais habitantes. Os lotes entregues a cada família eram pequenos — 200 m. por 1.000 m. — todos reclinados sobre a montanha, de um modo a terem água e facilidade de transporte pelo vale. Houve saturação demográfica para o sistema de cultura adotado. Intensificou-se a agricultura; as terras esgotaram, conseqüentemente houve anos de carestia no início do século. Os



filhos dos imigrantes ou mesmo seus netos emigraram. Sobradinho, Ijuí, Passo Fundo e principalmente Erechim os acolheu. Uns 2/3 dos imigrantes ou seus herdeiros venderam aos vizinhos e também emigraram. Como conseqüência as atuais propriedades são constituídas por três ou quatro lotes. O reflorestamento se refez automaticamente e as terras melhoraram.

Baseando-me nas plantações de fumo, milho, feijão e nos prados, devo confessar que não tive ocasião de ver terras tão férteis como aquelas, nem no nordeste do nosso Estado, nem em Getúlio Vargas, Erechim ou no vale do rio do Peixe em Santa Catarina. São bem mais férteis das terras dos vales do Caí e Taquarí.

CULTURA DO SOLO

Nas terras das encostas e dos cimos das montanhas fazem-se temporárias. Em nenhuma hipótese o solo fica cultivado ao mesmo tempo por mais de três anos; dois é o mais comum e procura-se fazer neles três colheitas. O porque dêste sistema é explicado pelo próprio cultivador. É que a terra emagrece e não tem a fertilidade do primeiro ano de cultura. Como as lavouras estão no declive, a erosão no terceiro ano se acentua e seria um desastre manter por mais tempo um terreno limpo nestas condições. Abandona-se a terra e imediatamente a vegetação toma conta dela. O descanso será por uns três ou quatro anos antes que novamente seja apta ao cultivo. Para a preparação das lavouras, o trabalho é diverso nas três posições: Planície, primeira encosta e no alto.

No vale roça-se a capoeira, queima-se e em seguida faz-se a lavoura para plantar, na encosta planta-se depois da queima e lavoura-se no segundo ano. No cimo, as pedras soltas e as raízes do mato não permitem a lavoura; a plantação se faz logo depois da queima, limpa-se o terreno para o ano seguinte.

A cultura que mais rende é a do fumo. Requer terreno fértil, é plantado por isso no alto ou no vale; maravilhosa é a lavoura de fumo! O milho é sem dúvida a segunda cultura senão a primeira de muitos lavradores. O feijão também é plantado em abundância, o trigo não pode faltar. As batatas, mandioca, cana de açúcar e hortaliças são cultivados para o consumo caseiro. Ao redor das residências sempre haverá culturas fixas: parreiral, pomar, horta e pastagens.

HABITAÇÃO

Os habitantes em sua grande maioria vivem na planície ou no início da encosta. As casas residenciais distam na média uns 500 m. Quase nenhuma se encontra completamente isolada. A habitação colonial compreende diversos edifícios e galpões. O principal é a casa dos quartos de dormir, na maioria das vezes é um sobrado com puxado para os fundos. Em outra construção instala-se a cozinha a sala de jantar e estar. O paiol e os abrigos para os suínos mais ao longe. Os galpões para abrigo de outros animais, carroças e secagem do fumo estão distribuídos ao redor da habitação principal sem simetria; sempre são abertos. A casa como podemos deduzir é uma pequena vila; nela somente habitará o dono com sua respe-

tiva família. As atuais construções são de alvenaria ou de pedras, o estilo é sui generis. A frente do edifício principal corresponde a uma das águas principais do telhado. A água dos fundos se prolonga com menor caimento que cobrirá o puxado dos fundos. A cozinha e salas de estar e jantar na quase totalidade das residências está em outra construção. Os animais ainda fechados em grandes cercados nas proximidades das casas, mas sempre haverá animais soltos que vivem ao redor das residências, por isso, muitas delas estão cercadas para evitar a aproximação desses animais e galinhas.

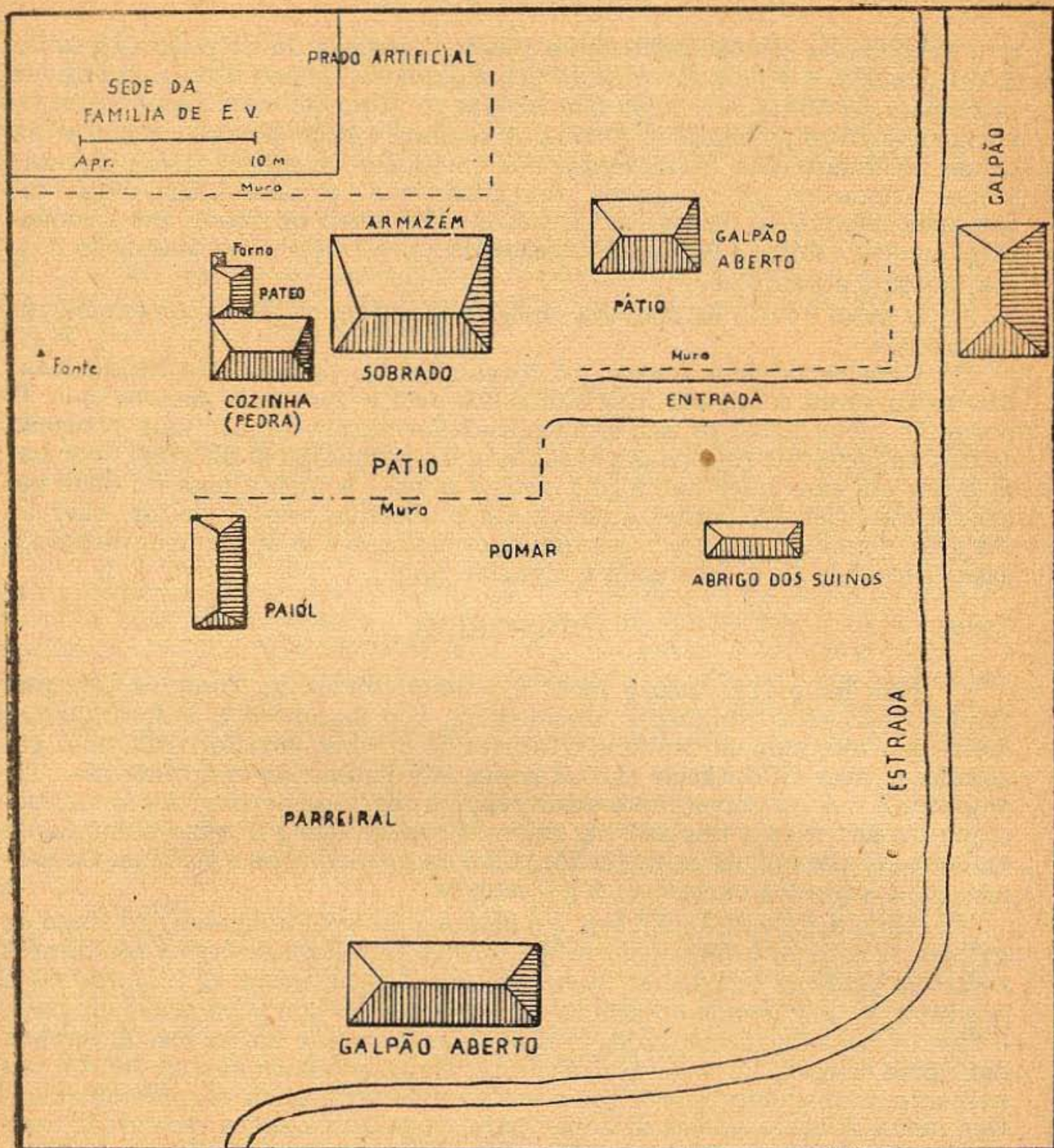
O paiol é feito de madeira; nêles se guardam o milho e os pastos para animais.

Uma ocorrência notável ao forasteiro é a posição das residências; não estão sobre a estrada mas sim a uns cem a duzentos metros dela. O porque é meio difícil de ser explicado. Informaram-me ser uma proteção contra os possíveis roubos. As casas sempre permanecem abertas, quer haja gente em casa quer não haja; mesmo porque somente uma ou duas peças da casa têm fechadura e chave. Os cachorros, sempre soltos, quer de dia quer de noite; dão alarme a qualquer entrada que se faça em direção à casa. Ao redor da casa o chão é mantido limpo.

INDÚSTRIAS

Não há propriamente indústria desenvolvida na comunidade, mas também não está totalmente abandonada. Um moinho a cilindros, quatro moinhos a mó, uma carpintaria e fábrica de móveis, uma ferraria, uma gasosaria e duas alfaiatarias são as principais indústrias manufateiras. Os moinhos a mó e a carpintaria aproveitam a força do arroio. As águas são captadas às vezes a uns 700 m. acima e conduzidas por váus e canais de madeira. O sistema de captar a força é o da grande roda e turbina. Os desníveis conseguidos variam de 5 a 9 metros.

Uma organização notável é o sistema de beneficiamento do fumo de galpão. A seleção é feita pelo próprio produtor. Reunem-se os produtores todos os anos em entidades formadas por eles mesmos. O fumo de cada produtor sócio é levado ao armazém. No armazém que para isso é alugado, o fumo é pesado, fermentado, prensado em fardos e marcados. É vendido em Pôrto Alegre, Cachoeira ou S. Cruz. Deduzem-se os gastos de armazenamento, transportes e serviços e em seguida reparte-se proporcionalmente o lucro. A sociedade se dissolve, para na próxima safra recomeçar aceitando como sócio qualquer produtor sem compromisso, a não ser a entrega de todo o fumo e contentar-se com a sorte. Cada ano pode haver quatro ou cinco entidades diferentes. Os negociantes fazem concorrência pagando menos, mas à vista. Existem várias casas de negócio na região, duas estão na sede de Novo Treviso. Os transportes eram feito pelo rio Jacuí até a uns dez anos atrás; modernamente os caminhões colocam os produtos nas cidades de S. Maria, Cachoeira, S. Cruz e Pôrto Alegre. As estradas são péssimas, pois, nenhum município tem interesse em melhorá-las. Ao município de Júlio de Castilhos não interessa, pois o escoamento se faz por Cachoeira e S. Maria. Cachoeira na zona limítrofe não imobiliza patrimônio porque o eleitorado não tem peso suficiente para impô-lo. Como consequência as estradas não têm nenhuma obra de arte e são abandonadas. A rea-



ção da população reduz-se em não pagar o impôsto de estradas em neme-
rário mas sim em serviços. Sòmente desta forma uma vez por ano são a-
bertas as valetas, abauladas as estradas, obturados os buracos, desobstruí-
dos os boeiros e roçadas as beiras.

ECONOMIA

De um modo geral as famílias são proprietárias de um respeitável
patrimônio. As terras têm muitas benfeitorias. Em média o valor dos imó-
veis de uma propriedade está em quinhentos mil cruzeiros. Nem por isso
gozam, os habitantes, da fartura. As famílias são mais abastadas na épo-

PROPRIEDADE DE A. S.
2 LOTES GÊMIOS 200M. X 1.000M
CADA UM.

ZONA MAIS RARAMENTE
CULTIVADA

ZONA DE LAVOURAS
INTERMITENTES

PASTO ARTIFICIAL
"POTREIAS"

PASTO ARTIFICIAL
"POTREIAS"

"POTREIRO"

Caminhos

GALPÃO



ABRIGO PARA
SUINOS



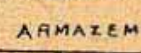
POMAR



PAIOL COZINHA



PARREIRAL



ARMAZEM

PATIO



CASA



GALPÃO

MURO

Estrada

PRADO ARTIFICIAL

PAIOL



Barragem

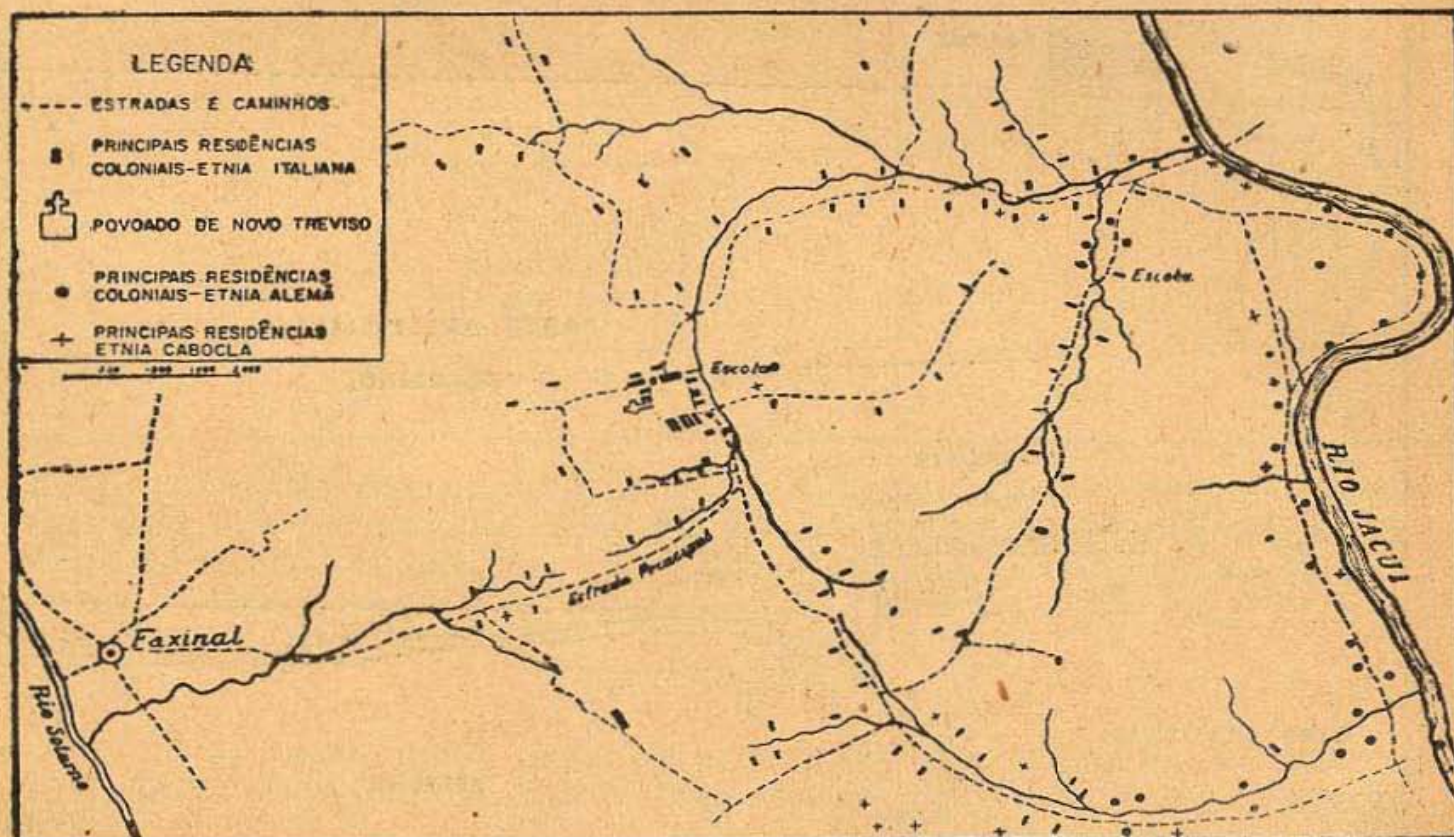
Riacho

ca em que os filhos estão entrando na maioridade, devido ao sistema de trabalho que usam. Os filhos ajudam aos pais nas lavouras; não existe trabalho assalariado. As famílias são sempre numerosas, a média dos descendentes de italianos é de oito filhos. Há casos frequentes de famílias com doze ou treze filhos. Quando os filhos começam a casar, os pais compram-lhes terras nas diferentes zonas de colonização do nordeste do Estado, em S. Catarina ou Paraná. O filho homem mais novo ficará com os pais e comprará o patrimônio da mansão paterna. A primeira geração de brasileiros, ao meu parecer foi a menos favorecida, quase todos eram analfabetos, não pôde ter os conhecimentos dos imigrantes que eram viajados e nem os da segunda geração que em parte é alfabetizada.

ALIMENTAÇÃO

Os habitantes de etnia italiana são relativamente bem alimentados. A comida é variada e muito bem preparada. Pela manhã ao levantar tomam café com leite e pão, pelas nove horas fazem uma refeição já na lavoura, se fôr tempo bom e o serviço aperta. Polenta, fiambres, ovos, carne de porco e queijo, são os alimentos básicos desta refeição. Ao meio dia, uma sopa reforçada, feijão com carnes e ossos de porco enfumaçados, formam as bases da alimentação. À tarde, mate com açúcar e pão. À noite a refeição está baseada em verduras, ovos, fiambres, polenta e laticínios.

Nos dias extraordinários — domingos e festas — sempre será outra comida; o feijão não aparece. As carnes de galinha ou outras aves com carnes de gado, massas, ovos, pão e biscoitos constitui o cardápio desses dias. Seguidamente aparece pescado, churrasco, e caça. É de notar-se que



a maior parte da comida tem por base produtos caseiros. Não compram a não ser pouquíssimos produtos; condimentos, arroz e açúcar. A farinha provém do trigo que êles próprios colhem e mandam moer. As carnes são dos porcos que não deixam de matar ao menos dois por mês. Fornecem, no dia da matança, aos vizinhos, uns quilos de carnes, os quais retribuem por sua vez. Conseqüentemente é difícil haver falta de carne fresca ou salgada.

A comida não varia de uma família para outra, em substância; o que pode variar é o cuidado na preparação. Quando a família tem moças já criadas é muito cuidadosamente preparada, o que não acontece nas famílias novas, pois, não existem empregadas. Ou quanto muito poderá haver uma menina, irmã de um dos esposos, para cuidar das crianças. A maioria das novas famílias, no entanto, vivem com os pais, já idosos e êsse se ocupam no cuidado das crianças e nos afazeres de casa.

CONCLUSÕES

Para concluirmos poderíamos dizer que as terras não são devidamente aproveitadas de um modo racional. Mais aproveitáveis seriam os vales e a várzeas se pessoas entendidas instruissem os proprietários o melhor aproveitamento. O certo é que a solução deverá vir de fora, pois, no local não imaginam haver modo diferente de usar as terras do que aquela que estão usando atualmente.

Muito também seria a desejar que uma comunidade como esta não fosse dividida politicamente e pertencesse a um mesmo govêrno municipal, para que os problemas governamentais e políticos fossem resolvidos com unidade de pontos de vista.

